

Série Arte Popular, Cultura e Poesia

LITERATURA E SAÚDE PÚBLICA

VOLUME 1

A NARRATIVA ENTRE A INTIMIDADE,
O CUIDADO E A POLÍTICA



Frederico Viana Machado
Isabel Cristina de Moura Carvalho
Janaina Liberali

ORGANIZADORES



Frederico Viana Machado
Isabel Cristina de Moura Carvalho
Janaina Liberali
ORGANIZADORES

Série Arte Popular, Cultura e Poesia

LITERATURA E SAÚDE PÚBLICA

VOLUME 1

**A NARRATIVA ENTRE A INTIMIDADE,
O CUIDADO E A POLÍTICA**

1ª Edição
Porto Alegre
2021

editora



redeunida

Arte da Capa | Projeto Gráfico | Diagramação

Lucia Pouchain

Ilustrações de Capa e Seções

Trabalhadores e usuários do CAPS AD III Amanhecer da cidade de Canoas/RS

Fotografias

Janaína Liberali

Revisão

Tânia Mara Vanin Cassel, Beatriz Vincent, Ana Lúcia Mandelli de Marsillac, Arthur Fernandes, Cláudia Gomes Fonseca, Claudson Faustino, Cupertino Freitas, Débora Pontes, Deyse Souza Alves, Jardel Garcia, Lucas Kirschke da Rocha, Marcos Aguiar Ribeiro, Maria Teresa Machado, Núbia Rodrigues

Amigos Leitores

Adilson Barbosa Jr., Adolfo Pizzinato, Aline Hernandez, Amana Mattos, Analice Palombini, Anderson Almeida, Andrea Zanella, Angélica Amâncio, Carlos Alberto Steil, Carlos Falci, Cássia Beatriz Batista, Daniel Albinati, Daniel Canavese, Deborah Castro, Djulia Justen, Douglas Silva, Felipe Comunello, Fernando Carrera, Frederico Salmi, Gustavo Frade, Gustavo Ramos, Heloisa Sousa Pinto Netto, Johann Heyss, Julio César Matias, Leonardo Antunes, Lisiane Boer Possa, Luciana Barone, Maria Lúcia Miranda Afonso, Maria Luiza Nogueira, Mário Eugênio Saretta Poglia, Marta Orofino, Monika Dowbor, Núdia Fusco, Pedro Augusto Papini, Renata Pekelman, Robson Nascimento da Cruz, Stela Nazareth Meneghel, Vitor Grunvald

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

M149L Machado, Frederico Viana; Carvalho, Isabel Cristina de Moura; Liberali, Janaina (orgs.).

Literatura e Saúde Pública: a narrativa entre a intimidade, o cuidado e a política – Volume 1 / Organizadores: Frederico Viana Machado; Isabel Cristina de Moura Carvalho e Janaina Liberali; Prefácio de João Guilherme Dayrell.– 1. ed.– Porto Alegre, RS: Editora Rede Unida, 2021.

273 p. (Série Arte Popular, Cultura e Poesia, v. 6).
E-book: 5,9 Mb; PDF

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-87180-60-1

DOI: 10.18310/9786587180601

1. Conselhos de Saúde. 2. Planejamento em Saúde. 3. Porto Alegre. I. Título. II. Assunto. III. Organizadores.

21-3018056

CDD 614:800

CDU 614:82

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Programas de saúde pública; Literatura.

2. Saúde pública; Literatura.

Catalogação elaborada pelo bibliotecário Pedro Anizio Gomes CRB-8 8846

*Todos os direitos desta edição reservados à Associação Brasileira Rede UNIDA
Rua São Manoel, nº 498 - CEP 90620-110, Porto Alegre - RS. Fone: (51) 3391-1252*

www.redeunida.org.br





Lampejos, apesar de tudo

*Amanda Cappellari
Lílian Rodrigues da Cruz*

Desde pequeno Magnum se sabia vagalume. E como todos os vagalumes, só era visto quando acendia: por vezes tentou acender tirando notas boas na escola, cozinhando para sua avó ou escrevendo poesias... mas não tardou a aprender que o viam melhor quando gritava, quando dizia que não ia fazer, quando pulava o muro da escola ou do abrigo e demorava dias para voltar. Antes, quando morava com a família, passar a madrugada na rua com os amigos também o fazia vagalume, nem tanto para o pai e a mãe que durante a noite já estavam tão esgotados da dureza dos dias e acreditavam que aos 11 anos o menino já era grande para se defender da vida, mas fazia luz aos olhos de alguns vizinhos que não dormiam devido ao barulho noturno, ao conselheiro tutelar que percebeu o cigarro em sua boca e aos professores que não suportavam seu sono durante as aulas.

Nos primeiros acontecimentos, ele não queria ser visto, “se pudesse, eu não acenderia”, ele me contou, mas acontece que algumas existências não podem não ser vistas. A invisibilidade é privilégio de muitas e muitos, mas não de Magnum. Com seus gestos ele incomodava e, na insurgência de sua vida considerada não adequada, ele se tornava visível.

Esta não é a primeira vez de Magnum em uma instituição de acolhimento. Foi em uma manhã gelada de uma quarta-feira que poderia ser parecida com outras tantas que aos seis anos, despertou da cama quentinha, que dividia com o irmão mais novo, sendo arrancado por duas pessoas desconhecidas. Tudo aconteceu tão rápido que ele nem conseguiu ver as lágrimas de tristeza e raiva que molhavam o rosto de sua mãe. No caminho até a instituição, as duas pessoas sem nome e sem rosto repetiam a ele que já poderia parar de chorar. Ao chegar, alguém o acolheu e explicou que ele passaria alguns dias ali, mas que poderia ver seus pais. Magnum não entendia nada.

Eu soube que esse primeiro acolhimento institucional aconteceu por motivo de negligência: *muito abaixo do peso e sujinho, marcas nas pernas por ter sido agredido, provavelmente pelo pai, que faz uso de drogas e tem envolvimento*

com tráfico. Magnum não ia para a escola e suspeitavam que estivesse em situação de trabalho infantil, pois havia sido visto catando papelão com sua mãe e irmão. Os profissionais entendiam que não era adequado dividir uma cama de solteiro com outra pessoa e que suas condições de moradia eram precárias. Na casa, além de duas camas, havia um fogão a lenha, uma geladeira, uma pequena televisão e dois sofás velhos, *mas a casa estava organizada e limpa*, escreveram no papel.

Magnum não lembra muito bem por quanto tempo ficou acolhido, pensa que menos de um ano, mas não esqueceu das noites em que conversou com Deus pedindo desculpas por o que quer que seja tivesse feito de errado para ser punido daquele modo. Lembra disso com certa irritação, não gosta de se deixar ver na inocência dos vagalumes. Assim como alguns pirilampos desavisados sobem em postes de luz e se deixam expostos às queimaduras solares, também os meninos vagalumes se machucam por culpas das quais não são donos.

Queria poder lhe contar essa história com exatidão, mas tudo é impreciso. Ainda bem. São nas frestas que a vida pode acontecer. Depois de muito circularem pela rede de saúde e assistência social, Magnum e sua família, decidiram que ele poderia voltar para a casa dos pais. A decisão para que retornasse à família de origem estava fundamentada no bom vínculo existente, na preocupação da mãe em visitá-lo semanalmente na instituição e, por entenderem, que dividir a cama para dormir dizia de pobreza e não de negligência de pai e de mãe. Em um de seus prontuários consta uma série de faltas às consultas psiquiátricas, dificuldade de contato com a mãe do menino e que *percebe-se que os pais não sabem impor limites, permitindo que o menino fume maconha e chegue tarde em casa*. Aos 11 anos ele foi retirado da família novamente por destituição do poder familiar.

Foi encaminhado para o Centro de Atenção Psicossocial da Infância e Adolescência – CAPSia. Um encontro bonito aconteceu. Alguém se fazia presença-escuta. Alguém ofertava palavras que o ajudavam a dizer de sua vida. É preciso um espaço acolhedor para que a palavra possa circular. Ora o guarda do CAPS o escutava, ora a psicóloga residente apostava em sua possibilidade de autoriar a vida e o acompanhava, de bicicleta, em seu modo de ocupar a cidade. Logo o diagnóstico de Transtorno Opositivo Desafiador (TOD) ficou opaco e a vida pode pulsar, até voltou a escrever poesia. No entanto, Magnum sofria. Dizem que feridas de abandono não cicatrizam nunca. *Abandono* da família ou do Estado?

Quando diagnosticado e medicado, Magnum passa a fazer parte de outra coletividade de meninas e meninos em acolhimento institucional. Nessa realidade, as intensidades de sentires que se apresentam no cotidiano logo recebem nome e remédio. Parece que fica menos complicado habitar espaços de juventudes que aparentam estar controladas de alguma maneira. Por isso tantos diagnósticos. Qualquer episódio de exaltação pode ser chamado e registrado como surto, transformando a ideia de vidas em sofrimento por vidas adoecidas que, assim, precisam de medicação; medir ação, diminuir ação. Será mesmo mais fácil?

Costumavam dizer que Magnum era menino forte. Era, sim. Mas quem podia olhar para sua fragilidade? Quando lhe diziam “isso é porque tu tens TOD” ele costuma responder “bem que eu queria ter mesmo”. Magnum sabia de onde vinha sua revolta. TOD lembra Toddy, aquela marca de achocolatado que prometia deixar as crianças mais fortes. Ele nunca tomou Toddy na infância. Mas outros meninos tomaram, era desejado que fossem meninos fortes. Porque a coragem, a inteligência e insubordinação é agraciada em alguns, mas não em menino-vagalume? Em Magnum vira transtorno. Para ser medicado, para ser menino-menos-forte, para amenizar a revolta que nascia da raiva.

Sua irredutibilidade era encarada como sintoma, sua explosividade o paroxismo do transtorno. Pois também penso que eram sintomas: sociais, não de Magnum. Menino-vagalume também precisa de reação química para acender. A terapeuta ocupacional e a psicóloga do CAPS prestavam mais atenção quando ele se fazia *Big Bang*. Estratégia de sobrevivência provocava efeitos. *Como podemos te ajudar, Magnum? O que precisa nesse momento? Vamos fazer bolo de cenoura com cobertura de chocolate na oficina da tarde. Quer passar o dia com a gente?* Ele queria, adorava bolo de cenoura. Algum vazio diminuía naquelas cozinhas... e não era no estômago.

Foi no auge de sua vida vagaluminosa, quando Magnum estava com 14 anos, que o conheci. Ele havia voltado de uma internação compulsória por uso de drogas e recomendaram que participasse da oficina que eu e outra colega fazíamos no serviço de acolhimento. Não lembro bem qual era a atividade naquela tarde, tínhamos um cartaz, canetas coloridas, tintas, revistas, giz-de-cera e *glitter* espalhados pelo chão de uma sala com sofás velhos, quando ele entrou aceso e pegou o papel nas mãos para em seguida deixá-lo em três pedaços. Sem o dispositivo de construção coletiva que havíamos proposto, a estratégia precisava

ser outra: escutar o que é que faz, na vida de um jovem, rasgar qualquer coisa que tenha sido investida por outros. Sinceras, afirmamos o desejo em conhecer suas histórias de vida, com a expectativa de também tornar sensível o gesto violento de Magnum. O menino transbordava e precisava falar: “Minha mãe morreu ontem, meu *cupincha* me contou. Eu queria ir no velório, falei com as tias e não me deixaram ir, disseram que não posso ver ela! Agora ela já foi enterrada. Eu só queria dar tchau...”. É duro, né? Tive que pausar a escrita para suportar. Eliane Brum escreveu uma vez que “enterro de pobre é triste menos pela morte e mais pela vida”. Concordo, em alguns casos. Ouvei dizer que a mãe de Magnum faleceu devido a uma tentativa de aborto, não sei se é verdade. Talvez precisasse ser ela a arrancar o que ainda estava dentro de si, antes que alguém o fizesse.

Após a morte de sua mãe, o menino mostrou com maior intensidade seu poder de dizer não. Obrigavam que fosse para a escola: “não vou!”. Insistiam, sua revolta crescia e, às vezes, precisava quebrar algo para que entendessem que seu *não* era definitivo. Irreversível. Insubmisso. Pois não nos enganemos, ora! O lirismo dos vagalumes não reside unicamente em sua inocência. Não são as fêmeas de algumas espécies que atraem os machos, com sua luminescência, para em seguida alimentarem-se deles? Como os vagalumes, Magnum também cria estratégias para sobreviver.

Durante o acolhimento institucional seguiram-se muitas evasões. Às vezes conseguiam trazer Magnum de volta através do uso da força da guarda do município, outras ele voltava por uma conversa afetuosa com sua psicóloga. Por vezes, inclusive, voltava sozinho, sempre na hora do almoço. Sabiam que ele saía do serviço de acolhimento para ver seu pai e que outras tantas voava pelas ruas com meninos que nem tão inocentemente entregavam drogas em um lugar ou outro. Solicitaram que o Conselho Tutelar explicasse ao pai que ele não poderia ver o filho, já não possuía sua guarda e que isso fazia mal ao menino. Orientaram que fosse incisivo e ligasse para a instituição caso o menino aparecesse. Diante da orientação, o pai respondeu que preferia ver o filho no meio dos outros meninos do que no abrigo. Parece até que o pai já havia lido *Capitães da Areia*, do Jorge Amado. Mas é que ele já foi menino de rua, essa leitura não lhe fazia falta.

Nas tantas idas e vindas, Magnum cumpriu medida socioeducativa na FASE. Assaltou uma farmácia, acompanhado de um *cupincha*. Era noite e carregava nas mãos uma arma de brinquedo, o suficiente para honrar o nome que lhe foi

gado. Magnum, o menino com nome de arma, demonstra toda sua obediência fazendo valer, naquele momento, o futuro profético que lhe ofereceram. Depois de me contar a vitória em ter conseguido não se aliar a nenhuma facção - devido a um conhecido que também cumpria medida-, ele pareceu tentar acalmar a mim e a ele: “Tudo bem, tia, sempre me disseram que eu ia acabar preso”.

Às vezes Magnum me chama de tia, outras de dona, em poucos momentos deixa escapar meu nome por entre os lábios. Nossas palavras denunciam os lugares por onde nos constituímos, transitamos e subjetivamos. Na instituição de acolhimento, as monitoras e os monitores são chamados de *tias* e *tios*, na FASE ou nos Centros de Atendimento em Semiliberdade (Casemi) os profissionais são nomeados de *seu* ou *dona*. Lembro que ao voltar da FASE, Magnum estava sempre preocupado com a punição que poderia receber por seus comportamentos...

Aprendeu a fazer do CAPS um esCAPS. Escapava para o serviço quando a vida doía muito. Se na escola e na instituição de acolhimento demandavam saber de seu diagnóstico para medicar e diminuir a intensidade de suas expressões, no serviço de saúde, com cuidado, desconstruíam a dureza do diagnóstico e criavam espaços para a vida aparecer. Encontros que acreditam na sensibilidade como produtora de saúde abrem frestas para a existência escorregar por outros trajetos.

Tenho conversado com Magnum uma ou duas vezes por semana. Hoje ele me mandou uma mensagem pedindo para que o encontrasse na instituição de acolhimento, queria ajuda para fazer um novo currículo. Antes de irmos para uma sala pequena, quis me mostrar algo no quarto que divide com mais quatro meninos: as medalhas e troféus que ganhou em campeonatos de futebol e em olimpíadas de matemática. Me contou sobre como adorava as aulas de matemática e terminava os cálculos com rapidez, “algumas contas eu fazia de cabeça mesmo, não precisava colocar no papel ou usar a calculadora”, mas eram também nas aulas de matemática que frequentemente ele era mandado para a diretoria. Uma vez mais o que o fez vagalume não foi a tão admirada capacidade de calcular, mas os gritos decorrentes do tédio e as brincadeiras que fazia. O que incomodava mais intensamente não era a bagunça, mas o barulho causado pelo lugar de *primeiro da turma* ser ocupado por um menino negro e pobre. Sensibilidade, é sempre ela que falta. O que fazíamos com nossas vidas que não conseguíamos enxergar a potência de Magnum? Teriam os adultos perdido a capacidade de enxergar a vida que aparece apesar de tudo?

Enquanto trabalhávamos em seu currículo, Magnum me falou do medo que sente do seu aniversário de 18 anos. Está próximo, faltam poucos meses. Com 18 precisa sair do acolhimento e por isso quer conseguir um emprego. Mas desta vez não aceita trabalhar como empacotador em mercado. Ele tinha deixado currículo em muitas empresas, mas ninguém entrou em contato, o emprego no supermercado foi a irmã de uma das cuidadoras quem conseguiu. Entretanto, Magnum precisava trabalhar aos sábados e domingos e não se sentia querido pelos colegas. Começou a faltar e foi demitido logo que terminou o contrato de três meses. Ele disse que os amigos que não possuem emprego conseguem ganhar dinheiro guardando drogas em casa, mas que nem isso pode fazer, “já que moro em um abrigo”. Já pensou em “passar a noite na boca com um ferro na mão”, mas tem medo de ir para a FASE de novo e ficar longe dos irmãos. Precisa de um emprego bom para alugar uma peça quando sair do acolhimento, quer que os irmãos possam morar com ele. Mas, se não conseguir, não sabe o que vai fazer. Não vê o pai desde que o mesmo foi preso, há dois anos. Então, mesmo que cogitasse retornar para a casa do pai, não poderia.

Talvez precisasse fazer como Pedro Bala ou como o Gato ou como o Sem-Pernas: arranjar um trapiche para morar. Lucas, seu amigo, quando completou 18 anos, passou algumas noites em um albergue da cidade, contou coisas horríveis. Magnum jurou que preferia dormir em calçada qualquer do que passar as noites naquele lugar. Lucas, no ápice de seu desespero, virou reportagem de jornal. Ao não encontrar um lugar com teto e paredes para existir, passou a perambular pelas ruas e dormir ao relento. Logo que foi desligado da instituição de acolhimento conseguiu um emprego, mas após uma vida de tutela e pessoas controlando seu horário de despertar, não foi capaz de acordar sozinho todas as manhãs para chegar na empresa em horário pontual de trabalhador. Alguém contou para Lucas que, em Porto Alegre, existe uma república para pessoas de 18 a 59 anos que estão em situação de vulnerabilidade social e sem local de moradia. Mas o que é que Lucas faria em Porto Alegre? Magnum treme só de pensar em morar em cidade em que não conhece ninguém. Assim, uma república também não é possibilidade para Magnum.

Nesta semana uma menina foi desligada da instituição de acolhimento, fez 18 anos há três semanas. A mãe de uma amiga do *jiujitsu* disse que ela poderia ficar em sua casa por algum tempo, até conseguir outro lugar para morar. O

próximo a sair será Magnum, aniversário no próximo mês. A equipe da instituição de acolhimento não sabe o que fazer. Magnum não sabe. *E eu também não sei...* A equipe do CAPSia decidiu que ele poderia seguir vinculado ao serviço até os 21. Um lugar a menos para se desligar aos 18. O Pedro Bala, o Gato ou o Sem-Pernas, se conhecessem Magnum, diriam que ele tem uma estrela no lugar do coração, porque só os meninos valentes têm uma estrela no lugar do coração.

* * *

Amanda Cappellari é psicóloga formada pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), mestra e doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Consultora no projeto “Construção intersetorial de estratégias de enfrentamento às Piores Formas de Trabalho Infantil - tráfico de drogas e exploração sexual” realizado pela Fundação de Assistência Social e Cidadania (FASC) e Instituto Gaúcho de Educação Superior (IGES). Integrante do Grupo de Estudos em Psicologia Social, Políticas Públicas e Produção de Subjetividades (GEPS).

Lílian Rodrigues da Cruz é doutora em Psicologia, professora e pesquisadora do Instituto de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação de Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Coordenadora do Grupo de Estudos em Psicologia Social, Políticas Públicas e Produção de Subjetividades (GEPS).